

## ARTÍCULOS

---

### MULHERES BRASILEIRAS E COLOMBIANAS: TRABALHADORAS LATINO-AMERICANAS QUE VIVEM NA HOLANDA.

Freddy Galeano Rodríguez  
*Universidad Complutense de Madrid*  
[f.galeano@plainmigration.com](mailto:f.galeano@plainmigration.com)

Luciane Pinho de Almeida  
*Universidade Católica Dom Bosco*  
[luciane@ucdb.br](mailto:luciane@ucdb.br)

**Resumo:** Esse trabalho é resultado de uma pesquisa realizada com mulheres brasileiras e colombianas que moram na Holanda, pois este fluxo migratório é mais feminino que masculino. A metodologia da pesquisa deu-se por meio de entrevistas não estruturadas. A migração de mulheres brasileiras e colombianas está ligada à questão de trabalho. O mercado de trabalho para imigrantes atribui um lugar para migrante, como também representa a sobrevivência e a aceitação na sociedade. Neste trabalho também explora-se as mudanças identitárias em mulheres colombianas e brasileiras residentes na Holanda com o enfoque transnacional no estudo das migrações, dentro de uma perspectiva teórica do construtivismo. Assim, o sonho do retorno ao país de origem se mistura com o objetivo de economizar o bastante para tentar recomeçar a vida.

**Palavras chave:** Mulheres brasileiras e colombianas, trabalho, migração, Holanda.

**Título:** MUJERES BRASILEÑAS Y COLOMBIANAS: TRABAJADORAS LATINOAMERICANAS QUE VIVEN EN HOLANDA.

**Resumen:** Este trabajo es el resultado de una investigación realizada con mujeres brasileñas y colombianas que viven en los Países Bajos, dado que esta migración se presenta más femenina que masculina. La metodología de investigación se realizó por medio de entrevistas no estructuradas. La migración de las mujeres de Brasil y Colombia está ligada a la cuestión del trabajo. El mercado de trabajo para los inmigrantes asigna un lugar como inmigrantes, pero también representa la supervivencia y la aceptación en la sociedad. En el trabajo además se exploró en los cambios identitarios que se pueden presentar en las mujeres colombianas y brasileñas residentes en Holanda con el enfoque transnacional en el estudio de las migraciones y desde una perspectiva teórica del constructivismo. Por lo tanto, el sueño de regresar al país de origen se confunde con el objetivo de ahorrar lo suficiente para tratar de comenzar una nueva vida.

**Palabras clave:** Mujeres de Brasil y Colombia, trabajo, migración, Holanda.

---

Recibido: 21-09-2014

Aceptado: 27-09-2014

**Cómo citar este artículo:** GALEANO RODRÍGUEZ, Freddy y PINHO DE ALMEIDA, Luciane. Mulheres brasileiras e colombianas: trabalhadoras latino-americanas que vivem na Holanda. *Naveg@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2014, n. 13. Disponible en: <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

**Title:** BRAZILIAN AND COLOMBIAN WOMEN: LATIN AMERICAN WORKERS WHO LIVE IN HOLLAND.

**Abstract:** This work is the result of research conducted with Brazilian and Colombian women living in the Netherlands, because this migration is more feminine than masculine. The research methodology was performed by means of unstructured interviews. The migration of Brazilian and Colombian women is linked to the question of work. The labor market for immigrants assigns a place for migrants, but also represents the survival and acceptance in the society. As well this study explored the identity changes that may occur in the Colombian and Brazilian women living in Amsterdam with a transnational perspective on the study of migration and from the theoretical perspective of constructivism. Thus, the dream of returning to the country of origin blends with the aim to save enough to try to start a new life.

**Keywords:** Brazilian and Colombian women, work, migration, Holland.

## 1. INTRODUÇÃO

O tema das migrações internacionais provoca cada vez mais o debate no mundo contemporâneo e nos provoca a refletir que essa é uma temática atual que apresenta diversas facetas e desafios para o mundo moderno.

Temos observado que os países mais abastados se armam contra a entrada de populações ditas “indesejáveis”, provindas de países que se encontram em crise econômica, que buscam fugir da guerra, de desastres ambientais, da fome, do desemprego e outras dificuldades. Esses deslocamentos acontecem, pois essas pessoas não tem mais como sobreviver em seus respectivos países de origem, necessitando para isso encontrar um lugar que lhe dê melhores condições de vida.

Por outro lado, o mundo moderno também nos traz outros tipos de deslocamentos de pessoas provenientes das mais diversas regiões do mundo facilitadas com a globalização, a evolução das tecnologias e da rapidez dos transportes aéreos entre outros motivos, provocando no mundo uma transformação societária, na qual pessoas mudam o seu lugar de origem encontrando para si novos lares.

Certamente o mundo atual vem demonstrando que está surgindo um novo modelo de sociedade. Percebemos que as fronteiras aos poucos vêm se tornando mais frágeis, assim como as relações sociais entre pessoas, por outro lado o diálogo entre diferentes culturas se faz mais necessário na medida em que os deslocamentos de pessoas acontecem. Desta forma, as grandes cidades apresentam hoje uma mescla de culturas de diferentes povos convivendo no mesmo espaço. Podemos perceber isso em Nova York, em Paris, em São Paulo e todas as grandes cidades do mundo ao mesmo tempo em que percebemos que este mundo se interliga pela informação numa era de constantes mudanças, vimos também surgir novos padrões de comportamento, oriundos de novas necessidades. Todavia, há de se assinalar que cada cidadão que transcende a divisão geopolítica a que pertence, migrando para outra região que não a sua de origem, leva consigo a sua essência local e a sua identidade.

Assim, para cada lugar e cada comunidade, cada momento do mundo é, ao mesmo tempo, um momento de realizações já empreendidas e de perspectivas sempre abertas. O problema em todos os tempos, para cada grupo humano, vem da maioria como ele enxerga e avalia seu lugar no Universo, seu próprio 'tempo vivido', essa combinação indissolúvel do passado, presente e futuro<sup>1</sup>.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa sobre trabalho e vida de mulheres brasileiras e colombianas migrantes, e teve como objetivo refletir sobre as vivências dessas mulheres na Holanda. Embora aparentemente a população latino-americana na Holanda é considerada invisível, pois o número de migrantes é pequeno, acreditamos que qualquer fenômeno mereça ser estudado em sua singularidade. Portanto, o tema justifica-se, pois dentre os países da União Europeia, a Holanda se destaca como um país multicultural que tem apresentado um papel notável na implantação e implementação de políticas que promovam o encontro entre culturas devido a grande diversidade cultural de pessoas provindas dos mais diversos lugares e que formaram a nação europeia. Todavia, na autopercepção das migrantes latinoamericanas, essas são frequentemente olhadas com certa desconfiança quando chegam a realizar seu projeto de vida, uma vez que no imaginário social europeu a migração de pessoas provenientes da América Latina é vista apenas como uma conseqüência da pobreza e da marginalização dos países de onde vieram.

Para o desenvolvimento deste estudo foi aplicado uma combinação de ferramentas de cunho qualitativo para a coleta de dados através do método biográfico, no qual utilizou-se a entrevista semiestruturada<sup>2</sup>, com dez mulheres, sendo cinco brasileiras e cinco colombianas<sup>3</sup>. Essas entrevistadas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com o seu conteúdo. A formulação das perguntas norteou-se pelos fatores que influenciam as mulheres migrantes para a reinvenção de si mesmas e de seus respectivos locais de origem, de onde se julga ser um papel importante para a integração que se dá com o novo entorno, já que não depende só delas mesmas e sim de quem as recebe, ou seja, desde a comunidade até o Estado holandês.

É importante ressaltar que para o estudo qualitativo o número de participantes da pesquisa não é significativa, pois a sua importância está na qualidade dos dados e não na quantidade de dados. Ou seja, a pesquisa qualitativa se preocupa, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha, portanto, com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde

---

<sup>1</sup> SANTOS, Milton. *Imigração e Movimento*. São Paulo: Vozes, 1993, p. 3.

<sup>2</sup> A coletânea de informação mediante entrevistas é um método geralmente utilizado no estudo de experiências pessoais de migrantes. Vê-se o estudo sobre imigrantes marroquinos dos Países Baixos realizado por Stevens *et al.* (2004) e sobre imigrantes turcos desenvolvido por Coopens (2001) que se utilizam deste tipo de instrumento para a coleta de dados.

<sup>3</sup> Embora o número de brasileiras e colombianas participantes dessa pesquisa seja pequeno destaca-se que a presente pesquisa tem como metodologia a biografia, desta forma, seria inviável um estudo que utilize essa ferramenta trabalhar com grande número de participantes de pesquisa. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, envolvendo o estudo da subjetividade humana, justificando portanto, que seus estudos sejam desenvolvidos com reduzidas amostras de seu universo.

a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim para esse estudo também foram utilizadas outras fontes de informação, compartilhadas pelas participantes da pesquisa com os pesquisadores. Por exemplo, suas respectivas autobiografias, o acesso as suas redes sociais como [Facebook], seus correios eletrônicos, cartas, fotografias e gravações. Desta maneira, o testemunho biográfico de cada mulher participante permitiu compreender a avaliação de seu processo migratório, de sua reescrita da identidade e de sua aculturação, nos quais os argumentos e expressões particulares apresentam-se a cada uma delas, facilitando conhecer em profundidade suas experiências migratórias individuais.

Desse modo, optou-se pela conveniência do método biográfico, que por sua natureza permite compreender as experiências do ator social na obtenção de informação condizente a uma resposta que possa ser suficiente para a validação científico-social, a partir da própria reflexão que as mulheres participantes efetuam da realidade estudada.

Portanto, esta pesquisa considerou o método biográfico como uma ferramenta legítima para compreender como o processo migratório é dinâmico, pois nestes se apresentam alterações de status, de valores, de normas e de percepções, que assim se validam e provocam mudanças de comportamento nestas mulheres que residem em Amsterdam, uma vez que estão inseridas na cultura holandesa.

## **2. Mulheres Brasileiras e Colombianas na Holanda**

É no contexto da globalização mundial que se instauram novos padrões de produzir e de gerir o trabalho, e ao mesmo tempo, reduz-se a demanda de trabalho, ampliando a população “sobrante” e fazendo crescer a exclusão social, econômica, política e cultural de famílias inteiras. Segmentos cada vez maiores da população tornam-se excedentes, ou seja, são desnecessários para o mundo atual. Alguns consideram que existe “gente demais” para as necessidades da acumulação capitalista.

Portanto, o mundo atual se depara com uma fragmentação do mundo do trabalho, apresentando em regiões pobres um agravamento do desemprego e uma redução da contratação de mão-de-obra no mercado formal. Diante dessa realidade, muitos são os que procuram nos países mais ricos uma possibilidade de trabalho e melhores condições de vida.

A intensidade do fluxo migratório de latino-americanos, especialmente de brasileiras e colombianas, para a Europa teve seu auge nas décadas de 80 e 90 do século XX e como tal muitas mulheres migraram para países europeus em busca de melhores condições de vida e trabalho.

É certo, como afirmamos acima, que as mulheres participantes dessa pesquisa migraram em busca de trabalho no período histórico assinalado acima, já que seus países de origem não ofereciam boas oportunidades de emprego. Portanto, a

imigração de mulheres brasileiras e colombianas participantes dessa pesquisa teve por principal motivo a busca por trabalho para a melhoria de vida e o envio de remessas de dinheiro à família que ficou no país de origem.

Todavia, é importante denotar que hoje o fluxo desse tipo de deslocamento diminuiu a partir do início do século XXI, devido o aumento da oferta de emprego e renda no Brasil e na Colômbia, possibilitando aos seus cidadãos melhores condições de vida e trabalho. Todavia, sabe-se que ainda persiste uma grande desigualdade social nesses países.

Esse estudo buscou compreender como acontecem as relações sociais das mulheres brasileiras e colombianas no país de acolhimento, no caso, a Holanda e como essas mulheres modificam seus processos de construção de suas identidades. É importante destacar, que de acordo com as biografias colhidas, a migração colaborou para reconstruir as trajetórias vividas desde a circunstância pessoal de cada entrevistada ao entrar em contato com um novo meio até suas próprias experiências de vivência no cotidiano. Através das entrevistas ainda pode-se explorar como, quando e porque as mulheres latino-americanas decidiram emigrar e se indagam pela autopercepção frente ao entorno a que chegam antes e depois de emigrar.

De acordo com o quadro estatístico da “População Migrante de origem latino-americana na Holanda”, no ano de 2012 fornecido pelo Escritório Central de Estatística dos Países Baixos, a população proveniente do Brasil é a maior em número com um total de 17.022 pessoas em situação regular no país, seguida da vizinha Colômbia que contabiliza 14.069 cidadãos colombianos residindo na Holanda. Se quisermos somar a esses números as pessoas que estão em situação de irregularidade podemos dobrar a somatória apresentada. Porém, a Holanda trás uma peculiaridade a qual é importante destacar, pois esta representa um dos motivos pelos quais optou-se pelo estudo das mulheres brasileiras e colombianas na Holanda, ou seja, a migração de latino-americanos para esse país é majoritariamente feminina. Essa condição é atribuída de acordo com as estatísticas principalmente no que tange ao Brasil e a Holanda, outros países latino-americanos essa diferença não é tão grande.

Assim, no que tange a população migrante brasileira podemos assinalar de acordo com as estatísticas fornecidas pelo Escritório Central de Estatísticas dos Países Baixos (2012) as mulheres brasileiras residentes naquele país somavam-se 10.329 contra 6693 homens brasileiros. A mesma situação acontece com as colombianas que somavam 9143 contra 4926 homens. Desta forma, justifica-se um estudo sobre a identidade e cotidiano de vida de mulheres brasileiras e colombianas na Holanda.

### 3. Construindo novas identidades através das relações transnacionais

Concordamos com Milton Santos<sup>4</sup>, que nos diz que a globalização é o estágio supremo da internacionalização, entendendo que tudo o que acontece em um lugar não apenas é perceptível, como influi, em diferente medida, sobre os demais. Esse movimento é conduzido pelas instituições supra-nacionais, empresas e bancos transnacionais trabalhando em conjunto para servir a produção da mais-valia ao nível mundial. Por outro lado, esse autor propõe que se pode entender o mundo como um conjunto de possibilidades, diante das quais cada lugar e a comunidade local constituem as oportunidades de realização.

Segundo Antunes<sup>5</sup>, “[...] o trabalho mostra-se como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o “motor” decisivo do processo de humanização do homem [...]”. Nessa perspectiva surge o trabalho como forma do sujeito intervir e modificar seu contexto social que são determinadas historicamente. Nessas relações sociais travadas no mundo é que as pessoas constroem suas vidas, ou seja, é no acontecer da vida cotidiana que as pessoas interagem-se. Portanto, é nesse sentido que o trabalho aparece como fator fundante do ser social.

Ao procurarmos compreender o cotidiano de vida das mulheres participantes da pesquisa, percebe-se que este é marcado pelo trabalho para a sobrevivência de si e de sua família. As mulheres participantes dessa pesquisa apontam que fazem os mais variados tipos de trabalho, e que somente com o tempo é que vão conseguindo melhores empregos e estabelecendo vínculos sociais no lugar de acolhimento. Nos relatos das entrevistadas é possível perceber que os trabalhos executados são em sua maioria provenientes da área de serviços, como camareiras, garçonetes, cozinheiras, vendedoras e auxiliares de limpeza em escritórios e residências.

Elas destacam que o primeiro emprego normalmente é conseguido com a ajuda de amigos provenientes de seu país de origem que já residiam na Holanda. Nesse sentido, as mulheres brasileiras e colombianas utilizam-se das redes sociais formadas por amigos e parentes de seus países de origem. Essas redes sociais servem de suporte para as dificuldades encontradas no país de acolhimento e funcionam como estratégia de inclusão neste.

Brasileiras e colombianas que residem na Holanda, afirmam que seus laços com as pessoas residentes no país de acolhimento tendem a ficarem cada vez mais efetivos, a cada dia vivido em país estrangeiro. Nesse sentido, suas redes sociais vão se ampliando vagarosamente, embora é claro e extremamente perceptível que a convivência nas redes sociais, formadas por pessoas provenientes seus respectivos países de origem, demonstram uma persistência à manutenção de tradições e culturas de seu país.

---

<sup>4</sup> SANTOS, Milton. *Imigração e Movimento*. Op. cit.

<sup>5</sup> ANTUNES, Ricardo e SOTELO, Adrián. A crise da sociedade do trabalho: entre a perenidade e a superfluidade. *Questões do século XXI*. José Eustáquio Romão e José Eduardo de Oliveira (coords.). Edição Especial. São Paulo: Cortez, 2003, p. 125. (Questões da nossa época, 100 – tomo II).

A partir do momento em que essas mulheres começam a se estabelecer no país de acolhimento, nota-se também que as oportunidades aparecem.

... meu primeiro trabalho foi na verdade de faxineira, eu trabalhei na casa de 07 pessoas, depois num café onde eu morava. Depois de um ano, eu fui trabalhar num barco (...) nesse lugar e já fiquei mais integrada, porque eu tinha companheiros de trabalho, já era convidada para sair, para jantar. Quando eu trabalhava no café que eu limpava, era só eu, não tinha contato com as pessoas. Depois fui trabalhar em um banco, através de uma amiga... (Orquídea)<sup>6</sup>.

No caso de mulheres que imigram em situação de regularidade, ou seja, possuem documentação e permissão para permanência no país, podem trabalhar, mas só conseguem melhores postos se souberem falar com o idioma holandês ou inglês associado a uma boa pronúncia e escrita. Somente assim alcançam melhores condições de trabalho, remuneração, respeito e tem seus direitos sociais e trabalhistas garantidos.

Àquelas mulheres latino-americanas que, porventura, estão em situação de irregularidade, ou seja, sem documentação de permanência no país, estas não possuem direito ao trabalho e, portanto, encontram seus postos de emprego limpando casas de famílias, como babás de crianças, em bares e restaurantes ou como camareiras de hotéis. Esses últimos vêm sendo fiscalizados rotineiramente na Holanda, diminuindo as chances de trabalho para os migrantes em situação irregular.

Portanto, os empregos para mulheres em situação de irregularidade são acordados no mercado negro e a maioria deles, na Holanda consiste em realizar faxina em casas de família. Para Sales<sup>7</sup>, o trabalhador imigrante tem suprido consideravelmente a demanda variável de mão-de-obra desqualificada. A presença desses trabalhadores, e principalmente dos imigrantes irregulares, no mercado de trabalho dos países capitalistas avançados é decorrência, em última análise, de uma característica estrutural do capitalismo em suas atuais carências de mão-de-obra, na qual os trabalhadores que estão no setor informal moderno seriam a expressão mais contundente da flexibilização da força de trabalho.

Destacamos que ao acordar um trabalho no mercado negro, essas mulheres ficam vulneráveis ao tráfico de pessoas para o trabalho escravo. Mulheres nessas condições têm pouco conhecimento cultural, não falam a língua do país de acolhimento, o que colabora para dar facilidade ao seu cativo.

Por outro lado, o emprego doméstico, normalmente é caracterizado por alta rotatividade, já que na Holanda essa forma de trabalho normalmente se faz como dia

---

<sup>6</sup> Os nomes das entrevistadas são fictícios, foram utilizados nomes de flores, para o resguardo de suas respectivas identidades.

<sup>7</sup> SALES, Teresa. O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. *Revista Travessia - Revista do Migrante*. Jan./Abr. 1995, ano VIII. n .21, p. 7. São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios.

de faxina e não como trabalho por contrato mensal. Portanto, as trabalhadoras buscam constantemente novos lugares para realizarem seus trabalhos e ao visualizarem novas possibilidades, deixam os empregos que menos atendem às suas expectativas.

... uma empresa precisa de alguém para fazer aquele 'serviço chato'<sup>8</sup>. (Dália).

A sociedade de acolhimento determina um lugar ao migrante, o trabalho que é "chato", normalmente "braçal" e desqualificado, o qual o nativo não deseja fazer. Dessa forma, a sociedade determina que tipo de trabalho é definido ao migrante e qual é o lugar em que ele deve estar. Por outro lado, o migrante procura em seu espaço ganhar dinheiro suficiente para si e para o sustento de seus familiares, àqueles que migraram com ele e os que ficaram no país de origem.

...Minha família é muito grande e são todos sem condições. Não posso ajudar todo mundo que não dá, mas o que eu puder fazer enquanto eu estiver aqui, eu farei. (Íris).

O cotidiano das mulheres que imigram para o trabalho é permeado de atividades, algumas fazem trabalhos por jornadas extensivas, embora todas são unânimes em afirmar que o serviço doméstico na Holanda é menos pesado que nos países latino-americanos. As casas estão melhores equipadas e estão munidas de aparelhos eletrodomésticos, como máquinas de lavar, de secar, fornos microondas, aspiradores de pó e outras que facilitam o trabalho doméstico.

Apesar da dificuldade com o aprendizado da língua, as mulheres brasileiras e colombianas acham formas de comunicação que vão desde a busca de termos no dicionário holandês até a ajuda de amigos para entender o idioma.

Os países de destino das migrações internacionais para o trabalho têm como principal significado ao migrante "*uma oportunidade de melhoria de sua qualidade de vida*" e tomam a saída de seu país de origem como uma das únicas alternativas possíveis para sanar algum período de dificuldade financeira em suas vidas. Mas as migrantes brasileiras e colombianas descrevem a vida na Holanda como "*uma vida difícil*", embora acreditem que são "*mais valorizadas e melhores remuneradas*" do que em seu respectivo país de origem.

As entrevistadas revelam também a necessidade que sentem em mostrar suas habilidades e competências, embora afirmam que o mercado é competitivo e que para o preenchimento de vagas sempre os holandeses são melhores selecionados. Desta forma, acreditam que há uma discriminação velada nas seleções para o trabalho.

...mas o resto enfrenta muita discriminação, porque, na realidade, se você vai fazer uma solicitação de emprego e concorre com um holandês ou uma holandesa, eles ganham a vaga. (Rosa).

---

<sup>8</sup> Serviço chato aqui trata-se de serviço braçal.

Por outro lado, a reflexão que se destaca, é que ao mesmo tempo em que as relações sociais travadas nesses espaços podem apresentar de certa forma um cunho discriminatório, é possível dizer que aparecem também as relações de adequada convivência entre pessoas de diferentes países. É importante assinalarmos que a Holanda sob esse aspecto demonstra ser na maioria das vezes, tolerante com a questão da diversidade. Nesse sentido, a participante da pesquisa Rosa afirma:

...por outro lado, eu penso que esse país vai mudando, porque tem muitas nacionalidades, em Roterdã tem 75 idiomas, entre idiomas, muitos africanos. Tem muito africano aqui, são exilados, e isso cria uma questão social grave. Muitos ilegais. Muitos imigrantes falam apenas a língua deles, as crianças falam a língua deles até 04 anos, daí quando vão para a escola, é que aprendem o holandês. Uma colega minha de escola, uma mulher do Irã, falou que a menina dela aprendeu a falar a língua somente quando foi para a escola, porque em casa falava a língua deles somente. (Rosa).

A fala de Rosa nos faz refletir que ao mesmo tempo em que o próprio mercado econômico e de bens simbólicos adquire uma dimensão global, também se fortalecem as formas locais de relações sociais, como contraponto ao movimento de integração global, o mundo social se fragmenta cada vez mais, opondo resistência à massificação e às tentativas de homogeneização cultural.

Por outro lado, os novos fluxos migratórios convertem as relações sociais travadas no mundo sob um novo olhar, ou seja, converge na construção de uma nação espacialmente desterritorializada, considerando a nacionalidade em uma noção mais ampla. Essa questão nos leva a refletir que os deslocamentos populacionais hoje podem produzir essa mudança, provocando novas ligações, novos laços. *“Mas isso não significa, do nosso ponto de vista, que não se mantenham como elemento estrutural da identidade do indivíduo, o elo profundo que o liga à terra e à cultura dos seus antepassados”*<sup>9</sup>. Nesse ponto, a fala de Rosa é significativa na medida em que compreende as transformações societárias que vem delineando-se a partir dos novos contextos migratórios.

Segundo Almeida<sup>10</sup>:

Os sentimentos/sofrimentos vivenciados pelos sujeitos ganham uma dimensão maior quando estes são percebidos pelos habitantes da cidade como diferentes. Essas diferenças compõem o processo de constituição do ‘sujeito migrante’, que diz respeito à percepção de ser um diferente e às estratégias desenvolvidas para serem incluídos no contexto da nova cidade.

---

<sup>9</sup> AGUIAR, M. *Política de emigração e comunidades portuguesas*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, 1986, p. 362. (Série Migrações, Política, Relações Internacionais).

<sup>10</sup> ALMEIDA, Rosângela da Silva. *A significação afetiva da solidão: um estudo com migrantes na cidade de São Paulo*. São Paulo/SP. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997, p. 102.

Portanto, o interesse pela noção de identidade reflete preocupações constantes para entender a situação intercultural de um mundo cada vez mais pluralista. As mudanças culturais provocadas pelas profundas transformações na sociedade, pela globalização da economia, pelas novas tecnologias, pelos meios de comunicação, pelos novos fluxos migratórios e pela feminização das migrações entre outros aspectos, estão cada vez mais associados com a afirmação de uma sociedade moderna "sem fronteiras". Uma sociedade que estrapola os limites territoriais, mas que começa a surgir a partir das novas relações e práticas societárias do mundo atual. Portanto, o processo identitário é reconstruído cotidianamente nas relações sociais travadas pelas pessoas e certamente as identidades migratórias se reconstróem da mesma forma com a interação com o novo ambiente em que vivem.

No entanto, é fundamental compreender que a noção de identidade que estamos discutindo expressa a relação de um indivíduo com o seu grupo e é construída em um processo de conexões que se estabelecem a partir dos vínculos sociais e temporais ocorridos durante a integração local. Deste modo, reconhecemos que a noção de identidade é bastante complexa, e portanto, compreendemos que esta noção tem como principal característica a plasticidade que está presente ao logo de toda a vida do ser humano, ou seja, a identidade de uma pessoa nunca é estática, é sempre um processo, sempre fluída e está em construção permanente. Ciampa (2008) argumenta que a identidade expressa-se por uma "metamorfose" constante. Se nossa identidade é constituída em permanente transformação, essa constrói-se diariamente nas experiências vivenciadas por imigrantes.

Assim, a interação experienciada por imigrantes nas sociedades de acolhimento, apresenta dificuldades em relação ao que normalmente é conceituada sobre a identidade das pessoas e o sentimento de pertença ou não a uma cultura particular. Precisamente, é importante notar aqui a perspectiva do construtivismo como O'deall e Huntington, construtivista, na segunda metade do século XX, que procura criar pontes entre as experiências de migração, o ser individual e o ser coletivo feminino com a cultura receptora e a visão de si mesmos enquanto mulheres migrantes<sup>11</sup>. Justamente por isso, esta teoria nos dá a possibilidade de olhar estas questões relativas à adaptação do cotidiano do imigrante em reescrever sua identidade como transmigrantes: habitantes que vivem no espaço entre dois ambientes sociais (partida e chegada), ambiente em que as questões de identidade são geradas com o risco de serem estranhas em ambos os ambientes.

Deste modo, podemos assinalar que um dos pontos mais relevantes dos resultados desse estudo reporta-se a construção constante da identidade do imigrante. Segundo as mulheres participantes desta pesquisa há uma vivência para a mudança quanto às questões de normas relativas ao gênero, dado que a experiência migratória representou comportamentos e pensamentos até então rígidos, considerados naturais e de verdade absoluta, que as conduzia a um "...tenho que ser...". As regras impostas pelas sociedades de origem passaram desse imperativo ao questionamento: Por que eu deveria ser ou por que tenho que ser? E

---

<sup>11</sup> MOORE, S. *Desde Hungtinton, O'deall y Milles hasta McCormick y Barquillas* en el universo intercultural femenino. Nueva York: Galtes Publisher, 2009, pp. 176-201.

desta maneira empenharam-se em transformar seus comportamentos que se refletem em suas mesmas percepções como mulheres e como pessoas.

Por outro lado, o transmigrante cria sinergias entre os ambientes de partida e de chegada e não apenas reescreve a sua identidade, mas torna-se agente de mudança em ambos os ambientes. Uma expressão da percepção de um transmigrante encontrado em um poema separado de Anna Belford para Lourdes Casal diz:

“...Pero Nueva York no fue la ciudad de mi infancia,  
no fue aquí que adquirí las primeras certidumbres,  
no está aquí el rincón de mi primera caída,  
ni el silbido lacerante que marcaba las noches.  
Por eso siempre permaneceré al margen,  
una extraña entre las piedras,  
aún bajo el sol amable de este día de verano,  
como ya para siempre permaneceré extranjera,  
aún cuando regrese a la ciudad de mi infancia,  
cargo esta marginalidad inmune a todos los retornos,  
demasiado habanera para ser newyorkina,  
demasiado newyorkina para ser,  
—aún volver a ser—  
cualquier otra cosa  
Lourdes Casal”<sup>12</sup>

Percebemos claramente no poema citado anteriormente o sentimento do migrante de que sempre será um estrangeiro e como coloca Belford quando retorna a seu país de origem carrega a marginalidade do retorno, pois não se sente mais deste país. É o contraditório que se reproduz na construção da identidade do migrante.

O estudo da identidade, da migração e do gênero é um processo completo que demanda uma revisão extensa da literatura e procedimentos de análises, do direito, pois só o conceito de identidade possui muitas definições<sup>13</sup>. A descrição que sustenta a teoria construtivista sobre a identidade não é estática, ao contrário é dinâmica e está em permanente transformação, “... é um assunto que se reporta a chegar a ser como também de ser. *Pertence tanto ao futuro como ao passado*”<sup>14</sup>; então, a identidade está sujeita a apreciações que transcendem o étnico e o cultural, dado que esta é marcada por sua construção desde a política a que se deriva da história, a qual está em constante mudança e pode propiciar o transformador.

---

<sup>12</sup> Escolhemos permanecer o poema na versão linguística original.

<sup>13</sup> Seria muito pretencioso desenvolver uma análise completa sobre as diferentes definições que existem sobre a identidade, assim como os diferentes tipos de identidade que o debate acadêmico reconhece.

<sup>14</sup> ECHEVERRY BURITICÁ, M. *Son diez horas de viaje y cinco años que te meten encima*” *Proyectos, identidades, y vínculos transnacionales de los y las jóvenes colombianas en España*. Tesis de doctorado. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2010, p. 179.

Assinalamos que os trabalhos acadêmicos do pesquisador Glick Schiller et al.<sup>15</sup> são um ponto de partida para a proliferação de pesquisas que apresentam um debate sobre o tema transnacional. Schiller em sua pesquisa sobre os imigrantes nos Estados Unidos mostra uma das teses mais amplamente aceitas para definir o transnacionalismo, na qual ele estuda "...os processos pelos quais os imigrantes constroem campos sociais que apontam seu país de origem e de destino"<sup>16</sup>. A ideia central desta definição é a construção de campos sociais que se traduzem em relações que os transmigrantes mantêm não só no local de acolhida, ou seja, de destino, mas também no local de origem, formando uma rede de fluxos que transpassa todas as fronteiras, vinculando grupos de indivíduos, lugares e comunidades inteiras.

Glick Schiller et al.<sup>17</sup> juntamente com outros pesquisadores usam o termo "transmigrantes" para descrever os imigrantes que mantêm múltiplas relações para além das suas fronteiras, e sua localização só pode ser definida no campo social, formado entre a sua permanência no país de destino e o país de origem. Assim, os cidadãos de um Estado – Nação vivem dispersos dentro das fronteiras de outros estados, mas fazem parte do seu contexto social, político e econômico. (1992 e 1994). Nesse sentido, rompe-se o velho modelo que enfocava as migrações internacionais como um fenômeno bipolar<sup>18</sup>.

#### 4. A cidadania transnacional

Segundo Bela Fieldeman-Bianco (1992) as pesquisas recentemente realizadas indicam que imigrantes estão gradativamente se transformando em *cidadãos transnacionais*.

O transnacionalismo é conceituado segundo Mitchell<sup>19</sup> "como um conjunto de perspectivas, ações e identidades que muitos grupos migratórios internacionais desenvolveram e que os conectam com suas sociedades de origem." Para esse

---

<sup>15</sup> GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L. y SZANTON BLANC, C. Towards a Transnational Perspective in Migration: raceclassethnicity and nationalismreconsidered. *Annals of the New York Academy of Sciences*. 1992, n. 645, pp. 1-24.

<sup>16</sup> GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L. y SZANTON BLANC, C. Towards a Transnational Perspective in Migration. Op. cit. p. 1.

<sup>17</sup> GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L. y SZANTON BLANC, C. Towards a Transnational Perspective in Migration. Op. cit.

<sup>18</sup> Canales y Zolniski (2000), referem-se a duas categorias principais para diferenciar os tipos de migrações que são analisados pela literatura tradicional. A migração permanente refere-se a quem quer mudar de maneira definitiva de sua comunidade, região ou país de residência e a migração temporária ou circular para se referir àqueles que estão em mudanças contínuas e recorrentes, ou seja, num constante ir e vir, mas onde a sua residência permanece em sua comunidade de origem. Esses autores também classificam um terceiro tipo de migração, diáspora. Neste, eles afirmam que o movimento constante pode envolver uma mudança definitiva de residência, mas não implica uma completa e total integração no lugar da acolhida, mantendo e reforçando, no entanto, a participação em comunidades ou organizações que operam em uma escala internacional. Para mais informações veja também Cohen (1997).

<sup>19</sup> MITCHELL, Christopher. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: BRAGA MARTES, Ana Cristina e FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 33.

autor<sup>20</sup> o transnacionalismo, em atitudes e ações, origina-se do reconhecimento dos cientistas sociais de que relativamente poucos imigrantes internacionais renunciam inteiramente à cultura e à sociedade de suas nações de origem. De fato, sob as condições globais que têm emergido nos últimos cinquenta anos, cada vez mais imigrantes desejam e são capazes de manter vínculos com a sociedade onde nasceram. Tipos de conexão transnacional incluem: viagens periódicas entre a sociedade de origem e as nações receptoras, comunicação por telefone, carta, fita de áudio e vídeo, remessas de dinheiro e bens para as famílias, associação ativa em organizações ou empreendimentos de negócios.

...então sou brasileira, eu tenho televisão brasileira em casa, tenho todas as minhas relações de trabalho profissionais e voluntárias são relacionadas ao Brasil... (Gardênia).

A fala de Gardênia nos diz o quanto o singular e a cultura de origem continuam fazendo sentido para ela, mesmo vivendo há anos no país de acolhimento e sentindo-se inteiramente integrada nesse.

O espaço social da diferença, do outro, do estrangeiro, do marginalizado, do heterogêneo, do misturado e do desterritorializado aparece cada vez mais como alternativa à organização da realidade social vivida por mulheres brasileiras e colombianas na Holanda.

Assim, Paulo Suess<sup>21</sup> afirma que atualmente o mundo é marcado por contatos interculturais, oferecidos pelos meios de comunicação impostos por migrações, interdependências econômicas e financeiras, e rápidas transformações globais. O diálogo entre culturas é uma exigência da convivência e sobrevivência de diferentes projetos de vida, codificados nas respectivas lógicas culturais.

Na presente conjuntura do capitalismo, os Estados se redefinem como nações desterritorializadas. "A legitimação das redes transnacionais de migrantes tornou-se, portanto, crucial para esta redefinição"<sup>22</sup>.

Há hoje uma emergência das comunidades em se adaptarem e formarem comunidades transnacionais e só assim estas vão dar sentido ao mundo contemporâneo. Para Hannerz<sup>23</sup>, podemos assumir aqui a existência de algumas negociações cotidianas sobre significados, valores e formas simbólicas envolvendo as culturas de velhos e novos lugares, bem como as intensas experiências de descontinuidade e ruptura sofrida pelos migrantes. Essas negociações são influenciadas pela implicação da cultura que estes significados, valores e símbolos podem sofrer quando associados às percepções dos participantes com indivíduos

---

<sup>20</sup> MITCHELL, Christopher. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Op. cit., p. 36.

<sup>21</sup> SUESS, Paulo. Culturas em Diálogo. *Migrações Internacionais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

<sup>22</sup> FELDMAN-BIANCO, B. e HUSE, D. Entre a saudade da Terra e a América: mulheres imigrantes. *Revista de Estudos Feministas*. 1995, v. 3. n. 1, p. 46. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

<sup>23</sup> HANNERZ, Ulf. *Transnational Connections: Culture, People and Places*, Routledge, 1996.

particulares, é o que acontece quando brasileiras e colombianas na Holanda insistem em não deixarem apagar seus costumes.

O transnacionalismo produz assim novos significados e relações, conforme Hannerz isso é a celebração de um ecumenismo multicultural. “...Isto é, as novas comunidades imaginadas passam a instituir redes transnacionais de símbolos, valores, sentimentos e experiências compartilhadas através da integração entre local e global (essencialismo e epocalismo)”<sup>24</sup>.

De acordo com os estudos desenvolvidos sobre a transnacionalização, Mitchell (2003: 38) aponta que pelo menos sete fatores são influentes para moldar as conexões transnacionais, sendo eles: renda e capital social, tamanho da comunidade, assistência de grupos de interesse, políticas do governo do país de origem e o tempo decorrido desde o início da emigração.

...Imigrantes que têm relativo acesso a bens materiais e níveis adequados de educação e/ou experiência com empreendimentos econômicos e/ou políticos são significativamente mais suscetíveis a desenvolver laços transnacionais vigorosos do que grupos que não possuem estes recursos. (...). ..comunidades imigrantes mais populosas tendem a desenvolver redes transnacionais mais efetivas do que as menores. (...) o grau de proximidade dos padrões de assentamento de imigrantes influencia o desenvolvimento de redes sociais locais e transnacionais de cada grupo. (...) A ausência do status legal é um fator adverso, que pode afetar o transnacionalismo, talvez até mais negativamente do que a pobreza. Ser um “não-documentado” freqüentemente inibe a integração de imigrantes nas organizações públicas, a utilização dos recursos sociais potencialmente disponíveis ou o protesto contra condições de trabalho, com medo de deportação. (...) alianças (...) podem produzir esforços combinados para uma potencial inserção política ou projetos conjuntos em prol de melhorias sociais.(...) a atividade transnacional pode ser acelerada por uma política governamental mais ativa (...)<sup>25</sup>.

O que se percebe é o surgimento de novas formas de integração em escala global, pelas mudanças na relação território/população/política, considerando o indivíduo num contexto que o interpreta em conjunção com relação ao público/privado.

Para Ribeiro<sup>26</sup> “o âmbito mais inclusivo no qual a fórmula território/população/identidade se expressa mais claramente é aquele do Estado - Nação”, no qual cruzam-se controle econômico, político, militar e tecnologias de

---

<sup>24</sup> RESENDE, Rosana. Brasileiros no sul da Flórida – Relatos de uma pesquisa em andamento. In: BRAGA MARTES, Ana Cristina e FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 166.

<sup>25</sup> MITCHELL, Christopher. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: BRAGA MARTES, Ana Cristina e FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, pp. 38-45.

<sup>26</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco. In: ROCHA REIS, Rossana e SALES, Teresa (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 69.

identificação definidoras que legitimamente têm acesso a direitos e deveres.

É o espaço do contraditório acontecendo no cotidiano das relações desde novo século, ao mesmo tempo, em que se reafirmam identidades e culturas próprias que sobrevivem em sociedades diferenciadas, pode-se perceber também a integração dessas mesmas na subjetividade das mulheres brasileiras e colombianas que fizeram parte dessa pesquisa. Portanto, as migrações internacionais, podem ser consideradas como mecanismos constantes de proliferação de novas formas simbólicas e organizacionais da vida cotidiana, na medida em que os fluxos de deslocamento de pessoas ficam mais densos estes influem decididamente na construção das comunidades que se fazem transnacionais e contribuem sobremaneira para a formação de sociedades multiculturais. A diversidade das culturas fundamenta a riqueza civilizatória da humanidade, por essa razão é tão importante o diálogo intercultural e a construção desse diálogo deve ser tarefa permanente deste novo século.

## 5. Considerações finais

A questão das migrações internacionais de brasileiras e colombianas em um de seus aspectos está intimamente ligada à questão de trabalho, primeiramente devido à própria sobrevivência para as mulheres que dependem deste dinheiro para o seu sustento diário e em segundo lugar para economizarem a fim de ajudarem os familiares ou a si mesmos na obtenção de uma vida melhor, proporcionando mais dignidade e acesso.

Também há de se destacar que é certo que o mercado de trabalho para imigrantes lhe atribui um lugar na sociedade, por outro lado, a sociedade holandesa atribui *ao imigrante um trabalho para imigrantes*. Ou seja, há um valor simbólico nesse sentido, imigrante aceito é aquele com trabalho, que está colaborando na sociedade, por outro lado, imigrante sem trabalho é custo, prejuízo, ameaça estrangeira. Quer dizer, o tempo de trabalho nada mais é do que o tempo da aceitação, um tempo que se vincula à própria existência do imigrante, para quem o trabalho, além de garantir a sua sobrevivência material do presente, aponta para a sobrevivência numa perspectiva futura.

Enfim, a migração de colombianas e brasileiras, como foi exposto, ocorre motivada pela busca de oportunidades econômicas e laborais, na reescrita da identidade das mulheres participantes dessa pesquisa vem como resultado de sua capacidade de adaptação, sua atitude e sua tomada de decisões com um pensamento crítico e autônomo.

Ao mesmo tempo, o imigrante vivencia relações sociais travadas com o meio em que está vivendo, ou seja, tem por possibilidade experimentar novos contextos, culturas e modos de viver e ser, influenciando sobremaneira na construção de uma nova identidade para si. Nesse sentido, o denominamos de transmigrantes, para os quais o diálogo com o outro se faz necessário e fundamental para o século XXI. Portanto, é importante ressaltar que o diálogo entre culturas diferenciadas tem

modificado comportamentos no mundo todo, isso certamente resultará numa transformação societária na qual o entrelaçamento cultural resguardará âmbitos locais e globais impactando numa nova ordem social.

## 6. Referencias

AGUIAR, M. *Política de emigração e comunidades portuguesas*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, 1986. (Série Migrações, Política, Relações Internacionais).

ALMEIDA, Luciane Pinho. *Para além das nossas fronteiras: Mulheres brasileiras imigrantes na Holanda*. São Paulo/SP: UNESP, 2008.

ALMEIDA, Rosangela da Silva. *A significação afetiva da solidão: um estudo com migrantes na cidade de São Paulo*. São Paulo/SP. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

ANTUNES, Ricardo e SOTELO, Adrián. A crise da sociedade do trabalho: entre a perenidade e a superfluidade. *Questões do século XXI*. José Eustáquio Romão e José Eduardo de Oliveira (coords.). Edição Especial. São Paulo: Cortez, 2003. (Questões da nossa época, 100 – tomo II).

BERGER, Peter. L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 16 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. Original inglês: *The social construction of reality*.

CANALES, A. I. e ZLOLNISKI, C. *Comunidades transnacionales y migración en la era de la globalización*. Ponencia presentada en el Simposio sobre Migración Internacional en las Américas, Communication Initiative Network. Costa Rica, 2000.

CIAMPA, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social*. 6.ed. São Paulo/SP: Brasiliense, 1998.

COSTA, Kinha. *Impressões de uma matuta: aventuras brasileiras nos países baixos*. Rio de Janeiro/RJ: Letra Capital, 2003.

COSTA, Kinha. De faxineira a dona de condomínio: ex-empregada doméstica brasileira economiza na Holanda e investe no Brasil. *Revista Papagaio*. Jun./jul. 2004, n. 65, pp. 8-9.

ECHEVERRY BURITICÁ, M. *Son diez horas de viaje y cinco años que te meten encima” Proyectos, identidades, y vínculos transnacionales de los y las jóvenes colombianas en España*. Tesis de doctorado. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2010.

FELDMAN-BIANCO, B. e HUSE, D. Entre a saudade da Terra e a América: mulheres imigrantes. *Revista de Estudos Feministas*. 1995, v. 3. n. 1. Programa de Pós-

Graduação em Ciências Sociais – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

- GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L. y SZANTON BLANC, C. Towards a Transnational Perspective in Migration: raceclassethnicity and nationalismreconsidered. *Annals of the New York Academy of Sciences*. 1992, n. 645, pp. 1-24.
- GODOY, L. Fenómenos Migratorios y Género: Identidades Femeninas Remodeladas. *PSYKHE*. 2007, vol. 1, n. 16, pp. 41-51.
- HANNERZ, Ulf. *Transnational Connections: Culture, People and Places*, Routledge, 1996.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Original alemão: *Alltag und Geschichte. Zur sozialistischen Gesellschaftslehre*.
- MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*. Tradução de Luiza A. de Araújo e Tânia Bugel. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- MARGOLIS, Maxine L. Na virada do milênio: A emigração brasileira para os Estados Unidos. In: BRAGA MARTES, Ana Cristina e FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, pp. 51-72.
- MARGOLIS, Maxine L. A minoria invisível: Imigrantes Brasileiros em Nova York. *Travessia – Revista do Migrante*. Jan./Abr. 1995, ano VIII. n. 21. pp. 9-15.
- MARTES, Ana Cristina Braga. Trabalhadoras Brasileiras em Boston. *Travessia: revista do migrante*. Set./dez.1996, ano IX, n. 26, pp.19-23.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1998.
- MITCHELL, Christopher. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: BRAGA MARTES, Ana Cristina e FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, pp. 33-50.
- MOORE, S. *Desde Hungtinton, O'deall y Milles hasta McCormick y Barquillas en el universo intercultural femenino*. Nueva York: Galtes Publisher, 2009, pp. 176-201.
- PINSKY, Jaime. Nossos negros são mais brancos. *Brasileiro (a) é assim mesmo: cidadania e preconceito*. 6.ed. São Paulo/SP: Contexto, 2000, pp. 104-109.

(Vivendo a história).

RESENDE, Rosana. Brasileiros no sul da Flórida – Relatos de uma pesquisa em andamento. In: BRAGA MARTES, Ana Cristina e FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, pp. 139-156.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brasil: jogos identitários em São Francisco. In: ROCHA REIS, Rossana e SALES, Teresa (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, pp. 45-86.

SALES, Teresa. O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. *Revista Travessia - Revista do Migrante*. Jan./Abr. 1995, ano VIII. n .21, pp. 5-8. São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios.

SALES, Teresa. Brasil – Massachusetts: cenas de um processo migratório. In: BASSIGIO, Luiz (org.). *O fenômeno migratório no limiar do Terceiro Milênio. Desafios Pastorais*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1998, pp. 35-67.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: ROCHA REIS, Rossana e SALES, Teresa (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, pp. 17-44.

SANTOS, Milton. *Imigração e Movimento*. São Paulo: Vozes, 1993.

SCUDELER, Valéria Cristina. Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. In: ROCHA REIS, Rossana e SALES, Teresa (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, pp. 193-232.

SNEL, E. El final del multiculturalismo. Las recientes políticas de los inmigrantes en los Países Bajos. In: Dirección de Inmigración del Gobierno Vasco (ed.). *De la diversidad a la construcción de una sociedad intercultural*. III Jornadas Internacionales sobre Inmigración, 2005, pp. 14-23.

STEFONI, C. *Inmigrantes transnacionales: la formación de comunidades y la transformación en ciudadanos*. Chile: FLACSO, 2004.

SUESS, Paulo. Culturas em Diálogo. *Migrações Internacionais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

UNESCO. *Informe sobre la situación ocupacional de la mujer en Brasil*. Nueva York, 2009.

VROM. Integratienota 2007-2011, *Zorg dat je erbij hoort! Ministerie van Volkshuisvesting, Ruimtelijke ordening en Milieubeheer*. Den Haag, 2007.

VV. AA. *Otras inapropiadas: feminismo desde las fronteras*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2006.